



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

**A História Oral como metodologia
de pesquisa em Folkcomunicação**

Allan Soljenítsin Barreto Rodrigues¹

Gleilson Medins de Menezes²

Rafael de Figueiredo Lopes³

Universidade Federal do Amazonas, Manaus, AM.

Resumo

Discute-se o método da História Oral como uma possibilidade investigativa para pesquisas científicas em Folkcomunicação. O objetivo é apresentar sua relevância enquanto metodologia e reforçar que é uma perspectiva interdisciplinar. Desse modo, faz-se uma aproximação entre a Folkcomunicação com a História Oral, discutindo alguns aspectos teóricos e sobre suas possibilidades metodológicas, bem como reflexões sobre memória, oralidade e construção de identidade.

Palavras-chave: Folkcomunicação; História Oral; Memória Social; Metodologia de Pesquisa; Interdisciplinaridade.

Introdução

Tudo o que comunica o povo e para o povo é Folkcomunicação. Trata-se da única teoria genuinamente brasileira, criada por Luiz Beltrão e popularizada a partir da década de 1980, quando o teórico publicou suas primeiras pesquisas, especialmente, o livro *"Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados"*, considerada pelos pesquisadores do folclore e da Comunicação como sua obra-prima. Este livro abriu caminho para diversos estudos comunicacionais na área, no âmbito nacional e internacional. O conceito mais disseminado acerca do campo de estudo da folk é este:

¹Doutor e Mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia (Ufam), Jornalista (Ufam). Diretor da Faculdade de Informação e Comunicação (FIC-Ufam), professor dos programas de pós-graduação em Ciências da Comunicação e Sociedade e Cultura na Amazônia e no curso de Comunicação Social/Jornalismo (Ufam). Líder do grupo de pesquisa Trokano (Ufam-CNPq). E-mail: allan30@gmail.com.

²Mestrando em Sociedade e Cultura na Amazônia (Ufam), Jornalista (ICSEZ/Ufam). Técnico Audiovisual e Coordenador Administrativo da Faculdade de Informação e Comunicação (FIC-Ufam). Integrante do grupo de pesquisa Trokano (Ufam-CNPq). E-mail: audiovisualufam2@gmail.com.

³Doutorando em Sociedade e Cultura na Amazônia (Ufam), Mestre em Ciências da Comunicação (Ufam), Especialista em Comunicação Digital e Jornalista (UFRR). Bolsista da Capes. E-mail: rafaflopes@bol.com.br.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

Basicamente, a teoria estuda "o conjunto de procedimentos de intercâmbio de informações, ideias, opiniões e atitudes dos públicos marginalizados urbanos e rurais, através de agentes e meios direta ou indiretamente ligados ao folclore" (BELTRÃO, 1980, p.24).

Contudo, é importante ressaltar que a Folkcomunicação não é o estudo da cultura popular, mas sim, dos meios de comunicação artesanais existentes nos ambientes de cultura popular e tem forte ligação com o folclore, ou seja, os conhecimentos repassados pela tradição por meio da oralidade. Afinal, na visão beltraniana, o folclore é, eminentemente, um arcabouço de conhecimentos do povo. Portanto, ao falarmos de Folkcomunicação estamos falando de uma teia de comunicação artesanal que se forma em diversos grupos sociais "extinguidos" dos meios e/ou canais sociais e comunicacionais hegemônicos. Tudo o que existe dentro do ambiente de cultura popular e se comunica de uma forma alternativa e peculiar (heterodoxa e/ou transgressora), fora do circuito midiático convencional ou das expressividades socioculturais tradicionais (hegemônicas ou elitizadas) é, potencialmente um objeto de folk.

A Amazônia é terreno fértil para o fomento de pesquisas folkcomunicacionais, haja vista a pluralidade cultural, étnica e social dos seus diversos povos e grupos sociais. Contudo, a produção científica em Folkcomunicação nesta região ainda é pequena se comparada à do Nordeste e Sudeste do Brasil, por exemplo. Desta feita, faz-se salutar lançar mão do olhar folkcomunicacional sobre a riqueza cultural ainda escondida pela marginalização sociocultural, religiosa e midiática pela qual ainda sofrem alguns povos tradicionais da Amazônia, desconhecidos até mesmo para os que se dizem amazônidas (nativos ou não). Para desvelar cenários ignorados pela mídia de massa e pela cultura erudita, e para contar bem as histórias dos construtores de saberes marginalizados na região amazônica, este estudo apropriou-se do método da História Oral, à luz de José Carlos Sebe Bom Meihy.

Neste breve percurso teórico-metodológico, o leitor vai encontrar os conceitos e a eficácia da aplicabilidade da História Oral como mecanismo importante e estratégico de investigação folkcomunicacional.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

A História Oral⁴ é uma metodologia de pesquisa interdisciplinar por excelência, conforme Alberti (2005), pois, envolve uma trama de conhecimentos entre diversas áreas e intermedia teoria e prática gerando reflexão. Volta-se para a produção de relatos orais, sua transcrição, textualização e interpretação. Portanto, a História Oral vai além de um método de captação de relatos para a produção de fontes para serem analisadas, pois é compreendida como um processo complexo e aberto aos diversos campos do conhecimento. Envolve tanto a produção social de memórias e as tradições orais, perpassando por aspectos objetivos e intersubjetivos dos sujeitos, suas percepções do mundo e de si mesmos.

Essa compreensão sobre a História Oral se alinha ao pensamento pós-colonialista e transita pelas teias da complexidade, afirmando a importância de resgatar memórias de personagens anônimos ou de parcelas da população que são marginalizadas, mas que tem experiências, saberes e conhecimentos sobre determinados assuntos, situações ou pessoas, e que acabam se perdendo na imposição de algumas perspectivas científicas dominantes. Sendo assim, uma perspectiva de fundamental importância para os estudos do grupo de pesquisa Trokano, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA), da Universidade Federal do Amazonas.

Uma das vertentes do Trokano é compreender a Amazônia em suas dimensões sociais, culturais, étnicas, históricas, econômicas, ambientais, nos diferentes processos e nas suas inter-relações com a pluralidade de sujeitos que ocupam a região, por meio da prática jornalística e das múltiplas possibilidades comunicacionais. Desse modo, a História Oral, como metodologia de pesquisa para os trabalhos na perspectiva folkcomunicação, pode apontar novas interpretações para aspectos históricos, sistemas simbólicos, práticas socioculturais, e expor - com a devida contextualização -

⁴Alguns autores consideram a História Oral como técnica (privilegiando experiências com gravações, transcrições e os aparatos que as cerca), outros como disciplina (conferindo-lhe características de um campo do conhecimento) e outros como metodologia (pressupostos que estabelecem um método de investigação), conforme Ferreira (2012). Portanto, há muitas discussões teóricas, conceituais e epistemológicas envolvendo esta perspectiva e nas quais não iremos adentrar. Entretanto, neste artigo, trabalhamos a História Oral a partir de aspectos e aproximações em relação a sua dimensão metodológica, à luz de aportes teóricos que a sustentam neste prisma e, desse modo, procuramos reforçar sua importância metodológica para pesquisas qualitativas.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

formas de pensar e ser no mundo que caracterizam os povos amazônicos em suas multiplicidades.

Neste artigo não trabalhamos com um objeto empírico ou com a preocupação da aplicação prática sobre uma temática específica a partir da História Oral, pois o objetivo é apresentar noções conceituais e sua relevância enquanto metodologia de pesquisa, por meio de pressupostos teóricos. Portanto, trata-se de um estudo bibliográfico que se articula no pensamento de autores como Verena Alberti, José Carlos Sebe Bom Meihy e Michael Pollack, prioritariamente.

Nos mantemos contrários aos reducionismos científicos de metodologias amarradas a “camisas de força”, em busca de fórmulas prontas e quantificações. Com a imersão na História Oral sob o prisma da Folkcomunicação, buscamos a sugestão do pleno exercício da alteridade ao nos debruçarmos sobre o conhecimento do outro, sua forma de expressar e viver o mundo que o cerca. Em sua maioria, os objetos de estudos da folk são multidimensionais e complexos. Um método e técnica que não se utilize da liberdade de aproximação e o estabelecimento de uma relação de confiança com as pessoas, está fadado ao fracasso.

História Oral e Folkcomunicação

Em termos panorâmicos de publicação, vejamos o que revelou uma pesquisa publicada nos anais da edição nacional de 2009 do Intercom, sobre a cartografia dos estudos em Folkcomunicação com base na análise das dez primeiras edições da Revista Internacional de Folkcomunicação (RIF):

(...) obteve-se, assim, o seguinte retrato do material publicado na Revista, em suas 10 primeiras edições. Do total (79 ensaios ou artigos), cerca de 30% (23 unidades textuais) abordaram as 'expressões folkcomunicacionais' (aspectos variados sobre etnias, religião, política, turismo, cultura ou marketing). Tais expressões étnicas revelam o tema mais frequente discutido no periódico.

Observemos agora uma excelente demonstração da interdisciplinaridade das investigações folkcomunicacionais quando a mesma pesquisa elenca os principais autores citados nas pesquisas em Folkcomunicação:



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

O levantamento das 10 primeiras edições da Revista Folkcom indica, também, os autores mais citados nos artigos ensaios publicados na Revista, considerando as obras referenciais a partir do ano de publicação. Em números absolutos (total de citações registradas), o fundador do conceito (disciplinar) folkcomunicação – Luiz Beltrão – é o autor mais citado com 33 referências bibliográficas, seguido por Nestor García Canclini, José Marques de Melo e Roberto Benjamin, com nove (9) citações cada, e J. Luyten, com seis (6) referências citadas. Na sequência, com quatro (4) citações, aparece Renato Ortiz. E, com três (3) citações, estão Jesús Martin-Barbero, Câmara Cascudo, Walter Benjamin, A. J. Gonzalez e Muniz Sodré. Com duas (2) citações aparecem, em seguida, Peter Burke, M. Bakhtin (...).

Nota-se a confluência de vários campos do conhecimento ao conjugarem-se aos autores da Comunicação, outros teóricos da sociologia, antropologia, filósofos e até semiólogos. O fato reitera o que já destacamos anteriormente: o caráter multifacetado da Folkcomunicação e sua capacidade de dialogar com várias ciências e áreas do saber. Nota-se ainda pelos números apresentados, que os estudiosos da Comunicação estão voltados à atenção reflexiva de outros fenômenos comunicacionais, além dos habituais objetos de pesquisa sobre o Jornalismo, a Publicidade, a Propaganda, o Marketing ou às Relações Públicas. Apesar de ainda ser considerada uma teoria emergente, com pouco mais de trinta anos de consolidação científica, os comunicólogos estão se interessando pelas subjetividades antes perdidas pelo caminho ao se analisar os fenômenos comunicacionais.

Não podemos ignorar que ao lançar mão do método da História Oral, os objetos de investigação da folk são inseridos num contexto multidimensional. Vejamos as ponderações de Marieta de Moraes Ferreira sobre a contribuição do método da História Oral para as investigações em Folkcomunicação (a comunicação dos marginalizados):

(...) o uso sistemático do testemunho oral possibilita à História Oral esclarecer trajetórias individuais, eventos ou processos que às vezes não têm como ser entendidos ou elucidados de outra forma: são depoimentos de analfabetos, rebeldes, mulheres, crianças,



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

miseráveis, loucos... São histórias de movimentos sociais populares, de lutas cotidianas encobertas ou esquecidas, de versões menosprezadas, característica que permitiu, inclusive, que uma vertente da História Oral se tenha constituído ligada à história dos excluídos (FERREIRA in: CARDOSO e VAINFAS, 2012, p.171).

Segundo Sebe Meihy, o caminho da narrativa dentro de uma História Oral não precisa necessariamente obedecer à continuidade material dos fatos. Para o autor, a História Oral (principalmente a História Oral de Vida) é retrato oficial do depoente. “Nesse sentido, a verdade está na versão oferecida pelo narrador, que é soberano para revelar ou ocultar casos, situações e pessoas” (MEIHY, 2005, p. 149). Ou seja, a verdade depende exclusivamente do colaborador, mesmo que para o entrevistador pareça algo impossível de acontecer. Meihy (2005) diz que essa história oral tem como função contemplar aspectos gerais do comportamento social dos colaboradores. “Questões como vida social, cultura, situação econômica, política e religião devem compor a história de quem é entrevistado” (MEIHY, 2005, p. 151). O resultado é uma visão multiangular dos personagens, seu comportamento, seus problemas, sua realidade.

Uma metodologia em emergência

A História Oral é uma metodologia de pesquisa e de constituição de fontes para o estudo da história contemporânea surgida em meados do século XX, após a invenção do gravador de fita. Ela consiste na realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos e conjunturas do passado e do presente. Tais entrevistas são produzidas no contexto de projetos de pesquisa, que determinam quantas e quais pessoas entrevistar, o quê e como perguntar, bem como que destino será dado ao material produzido (ALBERTI, 2005, p. 155).

Entretanto, a História Oral ainda sofre resistência, principalmente, por parte de pesquisadores adeptos à ideia de que um trabalho científico só pode ser validado a partir de documentos escritos, devido aos questionamentos que fazem sobre a fragilidade e a credibilidade da memória humana. Mas, como reforça Alberti (2005, p. 163), “hoje já é



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

generalizada a concepção de que fontes escritas também podem ser subjetivas e de que a própria subjetividade pode se constituir em objeto do pensamento científico”. Como já foi sinalizado, a História Oral é interdisciplinar por natureza e utiliza-se de ferramentas investigativas diversas, principalmente dos campos da sociologia e da antropologia, mas sua aplicabilidade se estende à educação, engenharias, economia, teatro, música, serviço social, comunicação, entre outras áreas, considerando que na História Oral não se busca uma verdade, mas o que faz sentido.

É preciso considerar o tempo de pesquisa e preparação antes de ir a campo, e depois gravar, transcrever, revisar, analisar e interpretar. Por isso, o planejamento é fundamental (antes de ir a campo, durante e posteriormente a coleta dos depoimentos), com a elaboração de um projeto viável de ser realizado e de um roteiro (que pela natureza desta perspectiva investigativa precisa ser aberto) baseado no conhecimento prévio do universo a ser estudado. Não se deve perder o foco dos objetivos do trabalho, mas estar atento às pistas que surgirem no processo. Silêncios, rupturas, digressões, delírios entre outras situações podem estar apontando para trilhas surpreendentes.

A opção pela pesquisa com a História Oral não exclui outros tipos de fontes, como documentos, textos escritos, filmes entre outros tipos de registros. Mas, quem pesquisa sob a perspectiva da História Oral precisa de planejamento e organização sistematizada, como sugerem Meihy e Holanda (2011), considerando o “como fazer”, que são os passos de elaboração de um projeto, e o “como pensar”, que é se valer da História Oral para discutir e refletir sobre o mundo.

Alberti reforça desde o tipo de metodologia, como e porque devem ser escolhidos os entrevistados, como deve ser a relação com o entrevistador, a operacionalização do projeto, maneiras de compreender e tratar os depoimentos, bem como todos os cuidados éticos que devem permear o projeto do início ao fim. As questões éticas são imprescindíveis na visão de Portelli (1997, p. 13), para quem esta percepção vai além de diretrizes ético-jurídicas ou profissionais, pois perpassa por “uma consciência mais abrangente e profunda do compromisso pessoal e político com a verdade e a honestidade”. Conforme o autor, os pesquisadores que utilizam a História Oral precisam ser responsáveis tanto com as preocupações metodológicas do trabalho



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

quanto respeitar os sujeitos e as informações coletadas e interpretadas, correspondendo ou não aos seus desejos e expectativas.

Memória, oralidade e construção da identidade

Acionar memórias é um processo complexo e caracteriza-se por uma plasticidade contextual, pois se expressa de diversas formas, seja para quem vivenciou determinado fenômeno, sendo um guardião da memória pela experiência direta (conferindo um testemunho privilegiado) ou para quem tem a lembrança de determinado acontecimento através do que lhe foi contado. O sociólogo austríaco Michael Pollack diz que há uma ligação entre memória e identidade social, podendo estar fundada em fatos concretos e na projeção de outros eventos. Embora, a priori, a memória seja um fenômeno individual (experiências pessoais, que se constituem basicamente a partir do acionamento de três critérios: acontecimentos, pessoas e lugares) também necessita ser compreendida como um fenômeno social, “construído coletivamente, e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes” (POLLACK, 1992, p. 01).

Como já foi mencionado, parte da resistência em relação à História Oral, conforme Alberti (2005, p. 166), se deve ao que alguns críticos argumentam em relação às “distorções” da memória, ou seja, alegam que não se pode confiar nos relatos dos entrevistados devido às subjetividades que eles carregam. Porém, a autora sustenta que “a análise dessas ‘distorções’ pode levar à melhor compreensão dos valores coletivos e das próprias ações de um grupo”. O processo de rememorar é um elemento importante na História Oral e também possibilita ampliar sentidos e ter outras camadas de compreensão sobre fatos históricos, acontecimentos envolvendo determinados personagens, sejam eles considerados vultos da história ou figuras anônimas.

A construção de narrativas, feitas na perspectiva de quem conta e com as suas próprias palavras, geralmente sujeitos excluídos dos discursos instituídos ou da história oficial, muitas vezes provocam conflitos narrativos se comparadas às narrativas hegemônicas. Mas, exatamente por estas dissonâncias, conseqüentemente, é possível configurar um panorama mais complexo sobre a temática investigada. Sendo assim,



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

Alberti (2005) reforça que, para alguns – já acostumados a conceder entrevistas- o desempenho costuma ser mais fluido. Já para outros sujeitos pode ser uma experiência inibidora. Em relação à transcrição do material, pode parecer estranho para alguns leitores já que a linguagem tem a informalidade de uma conversa e, portanto, bem diferente de um texto produzido para ser lido na forma escrita. Diante de todos os aspectos apresentados, chega-se à reflexão que o impacto dos trabalhos de História Oral, perante as comunidades onde são realizados e sua relevância social diante das assimetrias de um mundo globalizado, precisa ser compreendido como uma possibilidade de descolonização do pensamento.

Portanto, ao se valer da História Oral como metodologia o pesquisador abre o leque sobre o conhecimento acerca de fatos, situações e sujeitos, e também capta subjetividades acerca das vivências e percepções. Obviamente, que os procedimentos investigativos, como foi salientado ao longo desta exposição, necessitam seguir o rigor científico, explicitando objetivamente os critérios de escolha do corpus, perspectiva de análise e embasamento interpretativo. Entretanto, sem descartar as intersubjetividades inerentes ao processo e construção de uma nova leitura para a temática que se propõe investigar. Ou seja, produzindo conhecimento científico com metodologia, trabalho de campo e reflexão teórica.

Considerações Finais

Diante do que foi apresentado, podemos concluir reiterando que a História Oral (sobretudo a História Oral de Vida) é um agregador imprescindível nos avanços qualitativos frente aos objetos de investigação folkcomunicacionais. Com sua iminência interdisciplinar, esse método é capaz de otimizar o olhar folkcomunicacional diante dos seus fenômenos (sobretudo os simbólicos). A imaterialidade da cultura é difícil de ser assimilada com métodos quantitativos, por isso, a forma multiangular de cercar os fenômenos, valorizando as atitudes, impressões, sentimentos e memórias de quem os recebe faz da História Oral instrumento valioso para a Folkcomunicação; uma teoria que se assenta justamente naquilo que não está posto e que a ciência dura, tecnicista, fragmentada e funcionalista ignora com suas fórmulas prontas de avaliação e



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

análise de dados. Fato que influencia inclusive a formação do pensamento coletivo das sociedades.

O caminho sugerido aqui é oposto. Defendemos nesta exposição o poder da contextualização em detrimento ao reducionismo pragmático das pesquisas em Comunicação, conduzindo-as a um exercício abstrato, incoerente e incompleto. Sem vínculo algum com a realidade nem com o mundo real e histórico. E nada melhor ao desvendar essas tensões do que abandonar a soberba científica, o rigor quantitativo, e parar para observar e ouvir candidamente os sujeitos. Neste sentido, a História Oral é um movimento que aguça e aflora os pontos de tensão porque traz à tona, sem amarras, os reais construtores da história, da sua história, daquela realidade que o pesquisador pretende recortar e explicitar. Ela aproxima o pesquisador de folk do trabalho no mundo real empírico. Sabe-se que não é fácil apreender um objeto, daí a importância de considerar a abordagem multiangular possibilitada pela História Oral.

Outra questão que queremos ressaltar é que a História Oral também representa instrumento qualitativo se posta em diálogo com os estudos da memória. Feitas as devidas conexões complexas, possibilita a saída do lugar comum, da homogeneidade e a imersão no todo singular heterogêneo. Uma transgressão aos conceitos hegemônicos e reducionistas da globalização. Eis aí a gênese do fio condutor entre esses procedimentos metodológicos e a área da Folkcomunicação.

Referências

ALBERTI, Verena. **Fontes Orais** - História dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Orais**. São Paulo: Contexto, 2005, p. 155-202.

FERREIRA, Marieta de Moraes. **História Oral**: velhas questões, novos desafios. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). **Novos domínios da História**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. São Paulo: Edições Loyola, 2005.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História oral**: como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 2011.

POLLACK, Michael. **Memória e identidade social**. In: Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992.

PORTELLI, Alessandro. **Tentando aprender um pouquinho**: algumas reflexões sobre a ética na História Oral. Conferência Projeto História: São Paulo, 1997.